

ARQUITETURA ESCOLAR E SUA POTENCIALIDADE DE QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Maria Fernanda Serrano Sartori¹; Paulo Roberto Corrêa²; Lucas Fehr³

¹Graduada em Arquitetura e Urbanismo. E-mail: fernandassartori@gmail.com; ²Orientador do trabalho. Prof. Dr. Paulo Roberto Corrêa. E-mail: pauloroberto.correa@mackenzie.br; ³Orientador do trabalho. Prof. Dr. Lucas Fehr. E-mail: lucas.fehr@mackenzie.br

RESUMO

O presente artigo tem a intenção de pontuar o fato dos espaços públicos dialogarem cada vez menos com o ambiente urbano a que pertencem e, nesse contexto, evidenciar a potencialidade que a arquitetura escolar oferece no sentido de auxiliar na integração do projeto com o seu entorno. Assim, abordam-se conceitos como a importância dos espaços públicos qualitativos e a possibilidade de o espaço escolar contemplar programas esportivos, culturais, de convívio e uso públicos, ideais presentes nas Escolas Parque, CIEPs e CEUs. Além disso, apresenta-se um ensaio projetual com uma proposta de Escola Parque para o município de Bauru, no interior do estado de São Paulo, e intuito de qualificar sua área de implantação, permanecendo aberta nos finais de semana, oferecendo atividades e equipamentos para a comunidade, além de interação da sociedade.

Palavras-chave: Espaço público. Arquitetura escolar. Escola Parque.

1. INTRODUÇÃO

A presença cada vez maior de espaços fechados para a cidade e pouco diálogo e conexão entre projetos e os locais onde estão implantados faz com que a busca por espaços públicos que se relacionem com sua população se torne muito importante.

Podem-se achar referências de integração entre projeto e seu entorno, além de espaços abertos à comunidade e ao espaço urbano, na arquitetura escolar, revelando a potencialidade que esses prédios possuem para atuar como marco referencial em sua área de implantação. Essa busca por trazer simbolismo às escolas em seu contexto urbano pode ser observada nos projetos da Escola-Parque de Anísio Teixeira, nos CIEPS no Rio de Janeiro e nos CEUS em São Paulo.

A potencialidade do espaço escolar também existe devido ao fato das escolas serem vistas como instituições planejadas para educar, o que revela o cuidado que deve envolver o seu projeto e a importância dos processos educativos com a estrutura física onde acontecem.

Assim, para que exerçam plenamente sua função, as escolas reclamam uma condição de espaço social, para que tenham representatividade no urbanismo das cidades, podendo servir à população com um programa de esporte e lazer, áreas ajardinadas e espaços de convívio para uso público.

Com espaços mais abertos à população, agrega-se valor ao espaço público, à área de inserção do projeto e à própria cidade, por fim.

Dessa forma, o objeto de projeto desse trabalho trata-se de uma Escola-Parque no município de Bauru- SP, com a intenção de ajudar o sistema municipal de ensino da cidade e trazer equipamentos públicos culturais, esportivos e de lazer para o bairro onde será implantada, colaborando com a criação de espaços públicos para a cidade, áreas de convivência e passeios que conectam diferentes cotas do espaço urbano.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO PÚBLICO E SUA RELAÇÃO COM A CIDADE

A falta de segurança nas ruas, juntamente com o caos formado pela agitação da vida moderna e pela quantidade excessiva de carros, entre outros motivos, contribuíram para que os espaços de convívio que antes aconteciam em lugares públicos passassem a ocorrer em espaços fechados, tais como supermercados e shoppings centers, ligados à lógica do consumo e sem preocupação com o contexto urbano. Tal situação é evidenciada por Dias (2005), ao afirmar que as praças, largos e ruas foram trazidos para os espaços interiorizados, onde tudo é controlado e ocorrem consumo de mercadorias, serviços, artes e cultura, o que contribui para a ênfase ao trato dos ambientes internos em detrimento do espaço urbano construído.

As cidades brasileiras carecem de espaços mais democráticos e as políticas públicas, apesar de existirem, nem sempre são eficazes na tarefa de criar projetos urbanísticos voltados para a concepção de espaços públicos ou para a melhoria dos existentes. Trata-se de cidades contraditórias, onde os menos favorecidos fazem crescer o número de favelas, os condomínios de luxo dificultam a vivacidade urbana por parte de seus moradores, passeios públicos são pouco utilizados e muitas vezes não levam a lugar algum.

As barreiras que as construções apresentam também as afastam da cidade de certa forma. Muros e gradis passam uma sensação de edifício isolado e rompem as relações entre espaço interno e externo. Nesse contexto, Pronin (2007, p. 76) ao discorrer sobre a questão, conclui que:

No meio urbano construído, o crescente isolamento dos espaços interiorizados privados e semi públicos acarreta um prejuízo ao restante do espaço urbano – público e acessível a todos. A separação por muros e outros recursos de proteção reforça essa divisão e promove maior segregação social. O abandono e a deterioração do espaço público exterior, aberto e democrático, comprometem a qualidade do meio urbano como um todo e, como conseqüência, a qualidade de vida do cidadão.

É certo que há o problema da segurança e espaços públicos são muitas vezes utilizados de forma inadequada, tornando a população indiferente ou temerosa em relação aos mesmos, no entanto Jacobs (1998, p.34) afirma: “É inútil tentar esquivar-se da questão da insegurança urbana tentando tornar mais seguros outros elementos da localidade, como pátios internos ou áreas de recreação cercada”.

Seria inteligente que as cidades cessassem em passar a sensação de medo aos seus habitantes. Segundo Whitaker (2011), a possibilidade dos espaços públicos de qualidade é aniquilada a medida que a lógica das construções muradas produz uma malha urbana segmentada e pouco fluida.

De acordo com Leite (1998), é o uso dos projetos que confere identidade a um lugar e a interpretação dos significados e valores nele presentes. Assim, uma maneira da população se

conscientizar sobre sua responsabilidade de manutenção dos espaços públicos é pelo uso dos mesmos.

Pelo fato das cidades estarem cada vez mais caóticas, faz-se necessária a presença e valorização dos espaços públicos como descompressão, espaço de respiro e convivência.

Somado a isso, seria interessante que os projetos na cidade procurassem ser projetos urbanos de fato, ligados às habitações, aos sistemas de transporte e à recuperação dos espaços públicos. Assim, percebe-se que há necessidade de políticas públicas renovadoras, projetos arquitetônicos cuidadosos e intervenções urbanas integradoras.

2.2. RELAÇÃO DA ARQUITETURA ESCOLAR COM O ESPAÇO PÚBLICO

Inserida na realidade dos espaços públicos cada vez mais desconexos do meio urbano e dos edifícios despreocupados com o seu entorno, a escola pública além de ser direito dos cidadãos, tem a potencialidade para auxiliar as comunidades de forma ativa, podendo melhorar o espaço urbano e a sociedade.

Essa teoria estava incorporada às ideias do filósofo e pedagogo americano John Dewey, baseadas na escola pública como formadora do cidadão e estendida a todas as classes sociais. Tais pensamentos nortearam Anísio Teixeira, nome importante na educação do Brasil e criador do conceito da “escola-parque”, um espaço completo de formação educacional que, simultaneamente, atende a comunidade por formar um ponto de convívio, um marco referencial no local onde é inserido, pressupondo um lugar para a vida em sociedade. Tal afirmação pode ser evidenciada por Dórea (2000) ao pontuar que Anísio considerava que a educação não era somente um fenômeno escolar, mas também um fenômeno social, de interação com a sociedade.

2.2.1. A ESCOLA PARQUE

O conceito de escola como apoio à estruturação social e urbana teve grande influência na concepção da “escola-parque”. Anísio Teixeira buscou atender a população mais carente com um centro de atividades diversas. A ideia consistia em um sistema composto de “escolas-classe” e “escolas-parque”, sendo que os estudantes frequentariam ambas em turnos alternados. Tratava-se de uma nova proposta didática e pedagógica, da união entre as aulas tradicionais e as atividades complementares. Enquanto aulas de leitura, escrita, ciências, história e cálculos aconteciam nas “escolas-classe”, nas “escolas-parque” funcionavam atividades de educação física, social, artística e industrial, além de recreações, jogos e música.

Atividades voltadas para a comunidade também aconteciam na “escola-parque”, a fim de aproximar a população local. Segundo Souza, (1998, p.123):

(...) o edifício escolar torna-se portador de uma identificação arquitetônica que o diferenciava dos demais edifícios públicos e civis ao mesmo tempo em que o identificava como um espaço próprio – lugar específico para as atividades de ensino e do trabalho docente. (...) o espaço escolar passa a exercer uma ação educativa dentro e fora de seus contornos.

O projeto da “escola- parque” Centro Educacional Carneiro Ribeiro foi realizado na cidade de Salvador pelos arquitetos Hélio Duarte e Diógenes Rebouças em 1947, unindo princípios modernos da arquitetura a um programa pautado no idealismo social. Os blocos volumétricos dispostos de diferentes formas no terreno eram conectados por marquises livres, o que propiciava a convivência dos alunos e da comunidade. Além disso, a implantação das

escolas deveria acontecer em terrenos grandes e ricos em vegetação, para que houvesse uma relação de transparência entre as salas de aula, o meio externo e o entorno da escola.

Outra importante experiência do conceito desenvolvido por Anísio Teixeira aconteceu em Brasília. Havia harmonia entre o plano pedagógico e o projeto arquitetônico, onde a “Escola-Parque” era um recurso previsto no plano urbanístico da cidade e deveria representar a referência cultural das unidades de vizinhança, formadas pelas superquadras da cidade em construção.

A intenção foi viabilizar uma renovação escolar, propondo um modelo de educação mais democrático, buscando desenvolver a integração plena da vida do estudante em sociedade.

Assim, tornava-se apropriado implantá-la em um local que representava tamanho cenário de mudança. A efetividade da relação da Escola Parque com o seu contexto urbano e social de inserção pode ser evidenciada pelas palavras de Pereira e Rocha (2006, p. 5010):

A Escola Parque era referência forte na comunidade. As exposições anuais dos trabalhos produzidos pelos alunos eram abertas ao público; outros eventos, como os jogos da primavera, eram apreciados pela população. A cidade, ainda com enormes vazios, praticamente sem opções de lazer, passou a utilizar o auditório da escola para shows, teatro, cinema, palestras, que aos poucos tornaram a instituição o centro cultural de Brasília.

Pode-se perceber que Anísio Teixeira buscou a igualdade social como uma forma de tornar o ambiente escolar em um espaço agradável, acolhedor e educativo. Questões políticas não permitiram que fosse dada continuidade a essa proposta em Salvador ou que tal ideal de ensino prosperasse em Brasília, no entanto esse modelo serviu como referência para os CIEPs no Rio de Janeiro e para os CEUs em São Paulo.

2.2.2.CIEPS

Os Centros Integrados de Educação Pública foram criados por Darcy Ribeiro, Secretário da Educação do Estado do Rio de Janeiro, em 1980, e considerados a política pública que mais se evidenciou no governo de Leonel Brizola (1983-1987).

A essência da “escola parque” contida nos CIEPs é evidenciada pelas palavras do próprio criador: “(...) Uma preocupação muito presente no CIEP é a de integrar a cultura da escola com a cultura da comunidade, fazendo-as interagir fecundamente” (RIBEIRO, 1986, p. 22). Com uma proposta de ensino integral, esses centros educacionais pretendiam atender as áreas mais necessitadas do estado e tinham diretrizes didático-pedagógicas que também contavam com aulas de esportes, assistência médica e odontológica, alimentação e variadas atividades culturais, assim como na escola de Anísio Teixeira.

O projeto arquitetônico foi desenvolvido por Oscar Niemeyer, sendo que o principal objetivo era evitar a desigualdade formal e espacial entre as unidades desse Centro Educacional. Dessa forma, foi criado um projeto-padrão, que contava com um edifício principal de três pavimentos, contendo 24 salas de aula, refeitório, consultório, além de dois outros anexos: a biblioteca e o ginásio de esportes. Algumas soluções mais compactas abrigaram a quadra de esportes na cobertura do edifício escolar, uma vez que era difícil encontrar grandes terrenos em áreas densas. Estrutura de concreto pré-moldada foi utilizada no projeto por sua rapidez de execução. Foram construídas quase quinhentas escolas com a coordenação de João Filgueiras Lima, o Lelé, durante as duas gestões de Leonel Brizola.

2.2.3. CEUs

A defesa que a escola pública vai além de um espaço que oferece ensino também foi inspiração para o surgimento dos Centros Educacionais Unificados, os CEUs, em São Paulo. Segundo Anelli (2004), o projeto dos CEU representa uma importante interação entre arquitetos e educadores no sentido de desenvolverem propostas para enfrentamento do processo de urbanização perverso das cidades.

Um programa educacional amplo foi pensado para esses centros educacionais, também chamados Centro de Estruturação Urbana ou Centro de Equipamentos Urbanos, contendo esportes e áreas artísticas. Além disso, o espaço físico é liberado para uso como praça ou clube nos finais de semana, propiciando o encontro da comunidade.

A elaboração do projeto básico dos CEUs foi feita por Alexandre Delijaicov, André Takiya e Wanderley Ariza, arquitetos da Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura de São Paulo na gestão de 2001 a 2004. O programa foi dividido em três volumes: O Pavilhão educacional, sendo o maior bloco, horizontal, em forma de grelha ortogonal, geralmente com três pavimentos para o ensino infantil e fundamental, abrigando salas de aula, refeitórios, bibliotecas, programa de inclusão digital, padaria-escola, áreas de exposições e de convivência; a Creche, em forma de disco elevado, com grandes caixilhos; e por fim o bloco para atividades culturais e esportivas, com formato de paralelepípedo e cinco pavimentos, contendo um teatro, sala de música e ginásio esportivo.

Nota-se a preocupação com a escala do pedestre apesar da extensão dos blocos, através da criação de blocos permeáveis, onde se enxerga de lado a lado do edifício. Com um sistema pré-moldado de concreto, o intuito desses blocos é garantir uma horizontalidade para a implantação, contrariando a verticalização dos bairros centrais de São Paulo. Dessa forma, os CEUs querem trazer uma nova urbanidade para os locais onde implantados, tentando promover uma interação mais aberta com a cidade e seus habitantes. Para Melendez (2003), não há intimidação por parte do complexo em retratar as mazelas da vizinhança empobrecida, porque, ao abrir-se para o entorno, é estabelecido o contraste entre o mesmo e um equipamento público de qualidade.

Assim, explicita-se um dos mais importantes aspectos presentes no partido arquitetônico do projeto dessas escolas: interagir com o entorno e estabelecer referenciais urbanos significativos em bairros carentes de São Paulo.

3. UMA PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE ARQUITETURA ESCOLAR NA CIDADE DE BAURU/SP: ESCOLA PARQUE

A partir das referências teóricas acerca do espaço público e da arquitetura escolar como equipamento cultural, esportivo e de lazer públicos, tem-se como ensaio projetual uma Escola-Parque no município de Bauru, localizado no interior do estado de São Paulo.

O terreno está inserido em uma área próxima à linha férrea onde transitavam os trens da Noroeste do Brasil e estabelece proximidade também com o córrego Águas do Sobrado, pertencendo ao bairro da Vila Falcão, de onde muitos alunos são transportados diariamente para escolas públicas nas áreas periféricas da cidade em função do escasso número dessas escolas na área e da grande demanda de alunos.

Vidal e Sant'Anna (2005) afirmam que o exercício de projeto tem como dinâmica estudar, entender e solucionar diversos aspectos, dos quais podemos destacar os funcionais, ambientais, culturais, sociais, econômicos e sensoriais. Nesse sentido, pode-se citar o fato da

região da implantação possuir alta potencialidade para criação de parques lineares, os quais poderiam complementar o projeto da “Escola Parque”, gerando espaços de convívio público e dando dinâmica à área que teve tanta importância no passado e que atualmente encontra-se estagnada. Pensando na criação de parques e sua conexão com o terreno escolhido e o entorno, poderia haver uma grande valorização social, criando espaços voltados para a sociabilidade e a convivência.

O espaço público é o grande diferencial de uma “Escola Parque”, são esses espaços que a distinguem de um colégio convencional. Envolvendo blocos com programa escolar e blocos destinados ao lazer público, a conexão entre os blocos também tem potencial para a criação de percursos e praças que possibilitem e favoreçam o encontro. Assim, os “cheios e vazios” do projeto contribuem para o caráter social da escola, a qual tem a função de qualificar sua área de implantação, o bairro onde está inserida, permanecendo aberta nos fins de semana oferecendo atividades e equipamentos para a comunidade.

O bloco didático deverá contar com pátios e átrios, os quais terão a finalidade de atuar como ambientes de “respiro”, sendo lugares propícios para o encontro dos alunos e funcionários. Também poderão servir como pontos para a entrada de luz natural, auxiliando no conforto ambiental. Somado a isso, os caminhos entre os prédios deverão conter áreas ajardinadas, formando percursos e praças.

Assim, o programa da “Escola Parque”, engloba as atividades escolares convencionais, com salas de aula, laboratórios, refeitório, diretoria, entre outras, porém acaba sendo complementado com um programa destinado ao lazer, cultura e esporte públicos, a partir da criação de um parque, quadra de esportes, auditório, biblioteca, ateliês de artes e salas voltadas para atividades relacionadas à música e à dança, fazendo com que o programa seja mais complexo e completo que um programa escolar apenas.

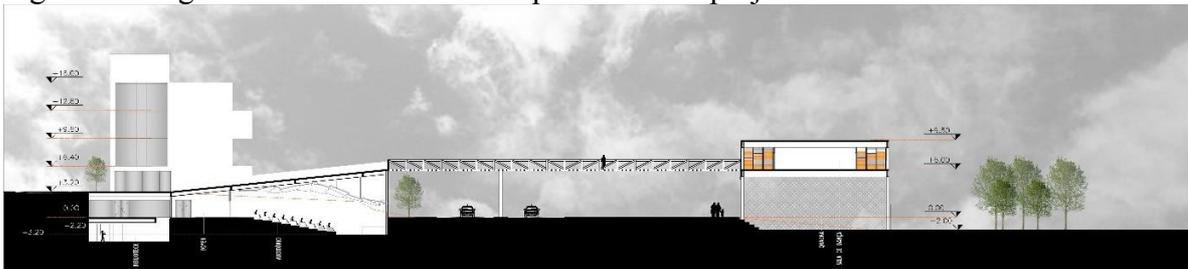
Além disso, como foram utilizados dois terrenos no desenvolvimento do projeto, sendo um separado do outro pela Rua Nilo Peçanha, foi proposta uma passarela com a função de conectá-los, propor um trajeto ao usuário e conectar diferentes cotas da cidade.

Figura 1: Mapa e legenda com levantamento da área – proposta projeto



Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 4: Imagem de corte desenvolvido para o ensaio projetual



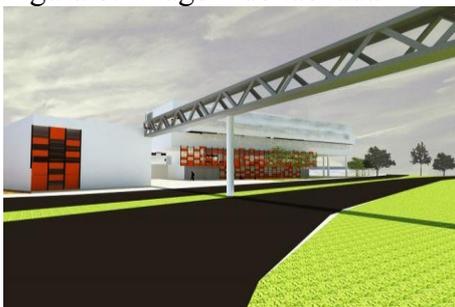
Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 5: Imagem de fachada



Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 6: Imagem de fachada



Fonte: Elaborada pelo autor

4. METODOLOGIA

Foi desenvolvida pesquisa histórica e bibliográfica para auxílio na compreensão das relações que a arquitetura das escolas pode estabelecer com a educação dos alunos e com o

espaço urbano, tomando como referências a Escolas Parque, CIEPs e CEUs. Também foram realizados estudos de caso, buscando colher informações em projetos com programas semelhantes, capazes de nortear a pesquisa relacionada à arquitetura de escolas públicas.

Além disso, foram estudados projetos com outras funcionalidades, porém com características arquitetônicas capazes de agregar qualidade ao projeto a ser desenvolvido.

Durante esses estudos também foram feitas visitas à projetos de referência, o que auxiliou no estabelecimento do programa e no levantamento das necessidades da pesquisa e do projeto.

Para o desenvolvimento do ensaio projetual, foi desenvolvido levantamento da área, com estudo do terreno, sua topografia, orientação em relação à insolação e fluxos de vento, para que o projeto tivesse um bom diálogo com o local de inserção e fosse implantado da melhor forma, criando espaços agradáveis aos alunos e à comunidade. O melhor entendimento do território facilita a elaboração de diretrizes e partidos arquitetônicos e urbanísticos para serem propostos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da ideia que as instituições escolares podem promover uma influência positiva nas cidades, Anísio Teixeira foi pioneiro ao idealizar e colocar em prática a Escola Parque, unindo aulas tradicionais com atividades complementares, fazendo também com que a escola funcionasse como marco referencial em sua área de implantação e fosse ponto de convívio da comunidade. Além disso, propunha uma educação integral para a escola pública e acreditava em projetos com base nos princípios da racionalidade e da funcionalidade, próprios da arquitetura moderna. Essa ideia de trazer para a escola um papel social no ambiente da cidade influenciou outros arquitetos e é presente até hoje, podendo ser observada nos CIEPs no Rio de Janeiro e nos CEUs em São Paulo, por exemplo.

Assim, pode-se considerar que a união entre projeto e entorno se faz um partido interessante e necessário para as escolas e as obras em geral, trazendo conexão e diálogo para a arquitetura implantada no nosso espaço urbano.

Nesse sentido, também é notória a importância de espaços públicos eficientes, os quais são possíveis através da integração entre políticas públicas e projetos arquitetônicos, a fim de serem realizadas intervenções renovadoras no tecido urbano, trazendo melhorias para o urbanismo das cidades.

Dessa forma, conclui-se que a arquitetura tem papel fundamental na criação e recuperação de espaços públicos e coletivos, podendo até mesmo reciclar espaços esquecidos, degradados. A arquitetura escolar também pode representar intervenções espaciais e arquitetônicas e, assim, auxiliar na diminuição da vulnerabilidade dos espaços públicos, atingindo positivamente a vida da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANELLI, Renato. **Centros Educacionais Unificados**: Arquitetura em São Paulo. *Arquitextos*, nº 55.02. São Paulo, Portal Vitruvius, dez. 2004. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.055/517>>. Acesso em: 24 nov, 2013.

DIAS, Fabiano. **O desafio do espaço público nas cidades do século XXI**. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.061/453>>. Acesso em 22 out, 2013.

DÓREA, Célia Rosângela Dantas. **Anísio Teixeira e a arquitetura escolar: planejando escolas, construindo sonhos**. Revista da FAEEBA, Salvador, 13 jan. 2000. Disponível em <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/dorea.html>>. Acesso em: 20 nov, 2013.

WHITAKER, João Sette. **Perspectivas e desafios para o jovem arquiteto no Brasil**. Qual o papel da profissão? *Arquitextos*, São Paulo, ano 12, n. 133.07, Vitruvius, jul. 2011. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.133/3950>>. Acesso em 20 mar, 2014.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida das Grandes Cidades**. São Paulo: Edusp, 1998.

LEITE, Maria Ângela Faggin Pereira. **Projeto e uso dos espaços públicos: o código e a interpretação**. In: Oliveira, A.C.; Fachine, Y. (Org.). *Visualidade, Urbanidade e Intertextualidade*. São Paulo: Hacker, 1998, v, p. 65-75.

MELLENDEZ, Adilson. **Alexandre Delijaicov, André Takiya e Wanderley Ariza: Centros Educacionais Unificados (CEUs)**, São Paulo. *Revista Projeto Design*, São Paulo, out. 2003. Disponível em <<http://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/alexandre-delijaicov-andre-takiya-e-wanderley-ariza-centros-educacionais-23-10-2003>>. Acesso em: 09 apr, 2014.

PRONIN, Maria. **A globalização e o ambiente construído na metrópole de São Paulo**. Pós. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, São Paulo, n. 21, p. 70-82, jun 2007. ISSN 2317-2762. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43508>>. Acesso em: 07 apr. 2014.

PEREIRA, Eva Waisros; ROCHA, Lúcia Maria. **Escola Parque de Brasília: Uma Experiência de Educação Integral**. 2006. Disponível em <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/457EvaWaisros_LuciaRocha.pdf>. Acesso em: 09 apr, 2014.

RIBEIRO, Darcy. **O Livro dos CIEPS**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1986.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

VIDAL, A.; PIMENTA C.; SANT'ANNA S. **Vila Barulho d'Água: Um caso de arquitetura sustentável**. Paraty, RJ: Pro livros, 2005.

ARCHITECTURE OF SCHOOLS AND ITS POTENTIALITY OF PUBLIC SPACE QUALIFICATION

ABSTRACT

This article intends to point out the fact that the dialogue between public spaces and the urban environment that they belong has weakened and, in this context, highlight the architecture of schools in order to collaborate in integrating projects with their environment. Therefore, concepts such as the importance of public spaces and school spaces as a possibility of sportive, cultural, social and public programs, which are the ideals of School Parks, CIEPs and CEUs, are approached in this work. Furthermore, the article also presents a project of a School Park for the municipality of Bauru, in the countryside of São Paulo State, intending to qualify its implementation area, remaining open on weekends, offering activities and equipment for the community and interacting with society.

Keywords: Public space. Architecture of schools. School Parks.